



A biblioteca de Branca Dias: as leituras de uma herege

The Branca Dias'Library: the Readings of a Heretic

Ediluce Batista Silveira

Resumo: Dias Gomes retrata, na peça teatral *O Santo Inquérito*, como os livros proibidos influenciaram o comportamento da lendária Branca Dias. O motivo pelo qual ela é condenada à fogueira é devido à assiduidade da leitura. Essa heroína representa o indivíduo curioso, questionador, já que usa o saber como estratégia para legitimizar o poder.

Palavra-chave: Dias Gomes. Branca Dias. Biblioteca.

Abstract: Dias Gomes expresses, in his play *O Santo Inquérito*, how the prohibited books have influenced the behavior of the legendary Branca Dias. The main reason that she is condemned to the bonfire is due to the fact of her assiduity to reading. This heroin represents the curious subject, questioner, who uses the knowledge as a strategy to legitimate the power.

Keywords: Dias Gomes. Branca Dias. Library.

Introdução

A peça de Dias Gomes *O Santo Inquérito* é escrita em 1966 sob o véu da alegoria como estratégia para burlar os censores, já que naquele momento histórico ressurgiriam as perseguições a todos os transgressores da ordem vigente. Diante do quadro de sistemas ditatoriais, Dias Gomes, indignado com o cerceamento das ideias e com a ausência completa de liberdade de expressão, reatualiza a história da lendária Branca Dias, pois ela é a representação simbólica de tantos cristãos-novos, jovens que lutaram por um ideal de liberdade e que morreram na certeza de que esta ideologia seria perpetuada.

O objetivo desse artigo é analisar as bibliotecas de Branca Dias, já que as obras lidas – *Amadis de Gaula*, *metamorfozes*, de Ovídio, *Eufrosina* e a Bíblia em linguagem vernácula – transformam a vida dessa protagonista em uma verdadeira tragédia



grega, considerando que o tema tratado nas obras era incoerente com a ideologia católica.

1 Leitura, livros: armas de poder

Ler é o grande motivo de condenação de Branca Dias. A leitura sempre foi uma forma de conscientizar o ser humano quanto às suas responsabilidades políticas, sociais, religiosas e culturais. O ato de ler está envolvido em um processo binário, tendo em vista que possui tanto a função de repreender quanto a de transformar criativamente o indivíduo que, por meio dele, busca atribuir sentido a tudo que o rodeia. Sobre a experiência da leitura como provocadora de sentido, Alberto Manguel, em *Uma história da leitura*, comenta:

[...] em cada caso é o leitor que lê o sentido; é o leitor que confere a um objeto, lugar ou acontecimento uma certa legibilidade possível, ou que a reconhece neles; é o leitor que deve atribuir significado a um sistema de signos e depois decifrá-lo. (MANGUEL, 1997, p. 19-20).

Manguel trata a sua experiência como leitor e, nesse sentido, representa tantos leitores que, fascinados e seduzidos pelo ato de ler, compreendem a si mesmos e ao mundo ao seu redor. Um leitor assíduo é capaz de racionalizar os fatos, questionando acerca deles e intervindo criticamente nas circunstâncias. Se o indivíduo que lê é capaz de interferir no espaço onde está inserido, também pode questionar ações, reinventar fatos, demonstrar conhecimento e, por conseguinte, legitimar o poder.

Em algumas sociedades, como a judaica, ler está no princípio do contrato social, e aprender a ler faz parte do rito de passagem. Manguel afirma que a cultura judaico-cristã é conduzida pelos livros e pelas letras, tendo em vista a importância que se dá a esses dois elementos. Em primeiro lugar, porque ao judeu cabe a realização de seu rito de passagem: ler a Torah, aos treze anos. Em segundo, é lendo que se desperta a curiosidade e, enfim, se aprende a agir socialmente e, por conseguinte, se pode mudar a condição social.

Manguel exemplifica esse fato por meio da festa de *Shavuot*, cujo objetivo é celebrar a entrega da Torah a Moisés pelas mãos de Deus. O menino, ao ser iniciado por



meio do ritual judaico, é envolvido com um xale de orações e levado por seu pai a seu professor. Este coloca a criança no colo e mostra-lhe, em alfabeto hebraico, a frase: “Possa a Torah ser tua ocupação”. É por meio desse rito que o judeu passa a estabelecer seu primeiro contato com a leitura. Essa primeira aproximação, para o menino, é sagrada, tendo em vista a sacralidade do ritual.

No entanto, a mulher judia não goza dessa mesma sorte. Segundo a rabina Sandra Kochmann (2005), em seu artigo “O lugar da mulher no judaísmo”, a presença do feminino na vida pública – questões políticas, sociais, econômicas e religiosas – desaparece no período do Talmude – que abrange o século III a século VI da Era Comum. Ainda de acordo com a rabina:

Essa concepção do lugar da mulher na sociedade na época do Talmud – época na qual foram estabelecidas as regras do dia-a-dia judaico, baseadas na interpretação e análise dos textos bíblicos pelos rabinos (exclusivamente homens) –, recebe influência direta da antiga sociedade grega em que estava inserida. Nela a mulher praticamente não tinha vida social, já que estava afastada dos lugares e acontecimentos públicos, entre eles, os religiosos. (KOCHMANN, 2005, p. 37).

Caberia, então, à mulher as tarefas de cuidar da casa, do marido e dos filhos. Basicamente, esse cotidiano feminino restringia-se às funções biológicas, como a procriação, e social, cuja finalidade era manter a harmonia na casa, ou seja, cabia apenas ao homem a função de servir a Deus. Por isso, não cabia à mulher a leitura da Torá. Só depois de muitas discussões é que movimentos judaicos mais liberais – Conservador, Reformista e Reacionista – trouxeram uma nova interpretação às leis referentes ao judaísmo e ofereceu à mulher judia um novo papel.

Robert Bonfil (2002, p. 186), em seu ensaio “As leituras nas comunidades judaicas da Europa Ocidental na Idade Média”, relata que “entre os judeus o livro é compreendido mais como um objeto mágico-religioso do que como instrumento de comunicação pela leitura; como relíquia destinada à devota adoração contemplativa [...]”. Nesse sentido, a obra assume um espaço mais sacralizado, já que aproxima o homem de Deus e, por isso, ela não deve ser analisada apenas como “reservatório de conteúdo”, mas como estratégia de aproximação de um ser divinizado.



Sempre coube a um grupo seletivo a prática e a compreensão da leitura. Isso se dá porque o exercício do poder favorece àquele que domina o conhecimento e, por conseguinte, difunde uma ideia. A leitura sempre foi, enfim, uma forma de controle de ideologias. No entanto, mesmo diante de uma cultura letrada voltada para os interesses estamentais e religiosos, além das primeiras letras – introduzidas no Brasil na segunda metade do século 18, ordem do Marquês de Pombal, com a contribuição dos colégios jesuítas – alguns trabalhos também eram ensinados fora das escolas. Em Olinda e em Minas Gerais, por exemplo, surgiram escolas cuja finalidade era ensinar a arte do ofício, segundo Luiz Carlos Villalta (1997) no ensaio “O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura”. Já que os filhos dos senhores costumavam fazer seus estudos na casa-grande, muitos aprendiam a ler e a escrever em um espaço doméstico.

Como a educação era algo perigoso, alguns estudiosos sugeriam que apenas os meninos tivessem acesso a ela, fora da família. Às meninas, cabia a aprendizagem rudimentar da leitura e da escrita, tendo em vista que poderia despertar a curiosidade que, de acordo com São Bernardino, especialmente nas mulheres, conduziria ao conhecimento e, por conseguinte, ao pecado. Por isso, apenas quem tinha acesso aos livros era a figura masculina:

Na iconografia cristã, o livro ou rolo pertencia tradicionalmente à divindade masculina, ao Deus Pai ou ao Cristo triunfante, o novo Adão, em quem a palavra de Deus se fez carne. O livro era o repositório da lei de Deus... O livro também conferia a autoridade intelectual, e, desde as primeiras representações, Cristo foi pintado com frequência exercendo a função rabínica de professor, intérprete, erudito, leitor. À mulher pertencia o Filho afirmando seu papel de mãe. (MANGUEL, 1997, p. 245)

Como os livros traziam consigo temáticas que poderiam despertar a consciência crítica do leitor, fazendo-o questionar os regimes totalitários, as leituras realizadas no trópico eram de cunho instrucional, ou seja, poderiam ser lidas obras como manuais de confissão, catecismos, suma da doutrina cristã e *Flos sanctorum*, as biografias dos santos. Toda e qualquer leitura deveria girar em torno das obras devocionais; todavia, a Bíblia não fazia parte desse acervo, visto que era uma leitura permitida apenas a alguns indivíduos, especificamente os jesuítas.



Já no início do processo de colonização do Brasil, havia a presença de livros considerados proibidos pelos padres jesuítas, uma vez que os temas abordados em algumas obras não eram comuns à ideologia propagada pela Igreja e pelo Estado. A cultura de imposição pelo medo manifesta-se naquele momento a partir da propagação da ideia de que o homem, colono, índio, escravo, seria severamente punido por Deus, enquanto aquele que cumprisse todos os mandamentos e orientações da Igreja veria a glória divina. A instrução, o conhecimento, ou era função dos sacerdotes ou uma ferramenta usada pelas forças demoníacas para separar o criador de sua criatura.

Mesmo diante dessa dialética, de acordo com Eduardo Frieiro (1981), em *O diabo na livraria do cônego*, o século 18 foi considerado o “século educador”, devido ao furor pela aprendizagem, mesmo diante da interdição de alguns livros no Brasil. Sobre a oposição das autoridades em receber algumas obras, Frieiro (1981, p. 19) advoga: “Em todas as partes e em todos os tempos, as autoridades criaram óbices à circulação dos escritos tidos como perigosos, o que entretanto nunca impediu que tais escritos fossem lidos e até às vezes muito lidos”.

Em 1559, alguns livros foram expressamente proibidos por Portugal. Para agir de forma reguladora, foi publicado em Coimbra o *Index Auctorum et Librorum* pelo Papa Paulo IV. Nele, havia a classificação dos autores e dos livros considerados pelos inquisidores como “condenados”, “com apenas alguns títulos condenados” e “anônimos ou hereges incertos”. Essas obras, assim como seus autores, não poderiam ser lidas, já que seriam o motivo de condenação de muitos cristãos leitores. Sendo assim, havia uma limitação das leituras em prol da imposição de outras. Sobre isso, Manguel afirma:

Leitores autoritários que impedem outros de aprender a ler, leitores fanáticos que decidem o que pode e o que não pode ser lido, leitores estóicos que se recusam a ler por prazer e exigem somente que se recontem fatos que julgam ser verdadeiros: todos eles tentam limitar os vastos e diversificados poderes do leitor. (MANGUEL, 1997, p. 322).

Muitos foram os livros proibidos no período do Brasil colonial, como *Diana*, de Jorge Montemor, e a *Ropica Pnefma*, de João de Barros, interdito por Roma e pelo Santo Ofício. Curioso observar que as obras lidas pela protagonista Branca Dias



também foram consideradas profanas pelos inquisidores. Na peça *O Santo Inquérito*, ao final do primeiro ato, durante a acusação da cristã-nova, há a citação de livros proibidos que são, naquele momento, por meio da rubrica, comparados a uma “bomba”. Obras como *Amadis de Gaula*, *As metamorfoses*, de Ovídio, *Eufrósina*, e, para confirmar as acusações, a Bíblia em vernáculo. Essa foi a maior reprovação da Igreja, já que não cabia à protagonista, nem a nenhum leigo, a função de ler a Palavra de Deus, mas apenas aos homens destinados a tal missão. Por isso, a Igreja proibiu a leitura da Bíblia, em 1564, “para manter acesso às palavras sagradas restrito aos clérigos, e ao mesmo tempo, cercear a emergência de interpretações heterodoxas.” (VILLALTA, 1997, p. 370).

Os livros são armas incendiárias e perigosas que conduzem o indivíduo à subversão. Sobre isso, Frieiro (1981, p. 22) revela que as ideias retratadas nas obras eram a manifestação do espírito da Revolta, ou seja, do espírito de Satã, pois perscrutavam o pensamento humano “cavilosamente escondido em obras dos escritores e ‘filósofos’ que discutiam o regime que convinha impor aos povos para fazê-los felizes, benignos e amigos das luzes” (FRIEIRO, 1981, p. 22). As obras são capazes de despertar no indivíduo suas ideias mais secretas, examiná-las, refletir sobre elas e, por conseguinte, revelar as insatisfações do homem em relação às questões políticas, sociais, econômicas, culturais e religiosas.

Por isso, os livros possuíam um valor extremamente significativo, pois objetivavam enfeitiçar e desestabilizar o indivíduo, despertar o seu imaginário, a sua fantasia, fecundar e estimular a capacidade criadora do espírito, congeminando o sonho com a ação. É por esse motivo que, tanto no período inquisitorial quanto durante a Ditadura Militar, muitos livros foram interditados, já que causavam uma turbulência de ideias no cidadão que se tornaria dissidente e um inconformado, isto é, herético e subversivo: são essas pessoas cujos pensamentos ruminavam no cérebro a insubmissão e a revolta; no entanto, para os inquisidores, um espírito de revolta era a manifestação do espírito demoníaco.

2 A biblioteca de Branca Dias

Como os livros são verdadeiras estratégias de encantamento do indivíduo, facilitadores da tomada de consciência, da criticidade e da criação de novas manifestações de ideias, o que as obras citadas por Dias Gomes na peça *O Santo Inquérito* e, mais tarde, apontadas também no ensaio de Villalta, tinham de tão



profano que necessitavam ser proibidas? Como era constituída a biblioteca de Branca Dias? Qual temática atraía a protagonista? Como tais textos contribuíram para a condenação da heroína Branca Dias frente ao Tribunal do Santo Ofício? É imprescindível notar que não há indícios de outras leituras realizadas pela filha de Simão Dias; portanto apenas essas leituras fundamentaram o seu julgamento.

Amadis de Gaula. Exemplar e célebre novela (ou romance) de cavalaria cuja autoria, assim como a origem, é bastante discutida, tendo em vista que pode ser tanto originária de Portugal quanto da Espanha. Garcí Rodríguez Montalvo a escreve, em 1508, no entanto, há edições anteriores à escritura de Montalvo. A história gira em torno do personagem Amadis, que nasceu de um amor ilícito e, por isso, sua mãe Elisena – uma infanta de beleza encantadora – lança a sorte de seu filho ao rio, como acontecera na narrativa bíblica com Moisés. Ao enviar o filho para as águas de Netuno, Elisena evita que o menino morra, conforme a lei estabelecida naquele momento. Sobre Amadis, Massaud Moisés, no livro *A literatura portuguesa*, comenta:

Amadis é um perfeito cavaleiro-amante e sentimental, vivendo em plena atmosfera do "serviço" cortês, caracterizado pela dedicação constante e obsessiva à bem-amada, a fim de lhe conseguir os favores. Esse traço francamente medieval é equilibrado com frequente tendência sensualista. Dessa forma, ao platonismo amoroso se junta "um grande e mortal desejo" que incendeia o par de enamorados: Amadis e Oriana. É uma nota de primitivismo erótico, vulcânico e inebriante, desobediente a leis ou a convenções sociais e morais. (MOISÉS, 2006, p. 47).

O herói de *Amadis de Gaula* é fiel à sua amada, ao código da cavalaria, além de ser uma figura importante para o seu povo, devido a sua origem aristocrata. Esse jovem cavaleiro mostra-se um herói que não foge das batalhas e que transita entre o homem medieval e o homem concebido segundo os valores renascentistas. A presença de elementos como a feiticeira Urganda e o mago Arcalaus (caracterizado como "encantador") faz com que a noção de sacralidade – representada pela figura do herói Amadis – e profanidade esteja presente na obra. Para Branca Dias, essa novela de cavalaria era simplesmente uma história que a emocionava muito. Para a Igreja, a temática de *Amadis de Gaula* era um problema, tendo em vista a



potencialização de assuntos considerados perniciosos pelo Tribunal do Santo Ofício.

Como se pode estabelecer uma analogia entre Amadis e Branca Dias? Ao ler a peça de Dias Gomes, é possível identificar, por meio da construção da protagonista, algumas peculiaridades presentes no cavaleiro. É como se o contato com a novela de cavalaria estimulasse em Branca uma bravura, uma necessidade de mudança do mundo, uma crença de que, mesmo diante das agruras apresentadas pela vida, é possível reverter e lutar em favor de um ideal. Essas qualidades aproximam Amadis e Branca, mesmo diante de um contexto histórico distinto. Eis o primeiro passo proporcionado pela leitura: revelar a existência de outras realidades e, por conseguinte, conscientizar o indivíduo, tornando-o agente social e transformador de sua experiência. Por isso, os inquisidores ficaram escandalizados com o fato de terem encontrado essa novela de cavalaria nos pertences da personagem, tendo em vista que, além de seu caráter pernicioso, esse gênero era um estímulo para a consciência individual de que, independente da condição humana, é possível transformar qualquer história.

Outro aspecto relevante em *Amadis de Gaula* é a presença de alguns trechos recheados de sensualidade. Em vários trechos, o leitor pode perceber o clima de erotismo, seja na construção das ações dos personagens, seja nas descrições. É justamente o alto teor de erotismo que aproxima a figura de Amadis da protagonista de *O Santo Inquérito*. Na visão de Padre Bernardo, Branca Dias era uma figura simbólica do erotismo. No início da peça, enquanto acusa a filha de Simão Dias, o padre revela a nudez de Branca: “Mas uma (prova) é evidente, está à vista de todos: ela está nua!” (GOMES, 2009, p. 30); em outro momento, reafirma “Desavergonhadamente nua!” (GOMES, 2009, p. 30). Acusando-a dessa forma, o sacerdote fornece à figura da protagonista uma característica de interdição: o erotismo, ou seja, ela é o objeto de desejo do padre. Segundo

Georges Bataille (1987), em *O erotismo*, afirma: “O erotismo é um dos aspectos da vida interior do homem. Nisso nos enganamos porque ele procura constantemente *fora* um objeto de desejo. Mas esse objeto responde à *interioridade* do desejo” (BATAILLE, 1987, p. 27, grifos do autor). Por ser uma atividade humana, o erotismo é, ainda, uma infração à regra dos interditos. Ao introduzir essa fala, Dias Gomes revela, por meio do discurso de Padre Bernardo, que a mulher está propensa ao desejo, pois ela está sujeita a ele.



Assim, para Padre Bernardo o objeto de desejo é Branca Dias: ela é a representação do apetite imoral daquele sacerdote, por isso, deveria ser julgada e condenada. Ao travar um diálogo com Branca, já presa, o padre exterioriza o seu conflito interior e revela: “Sou tão responsável quanto você pelos seus erros” (GOMES, 2009, p. 89). Nesse instante, fica evidente como o jesuíta sentia-se em relação à protagonista: enfeitiçado. E o diálogo continua: “Agora já é impossível. Tudo o que lhe acontecer, me acontecerá também. Sua punição será a minha punição, embora a sua salvação não importe na minha salvação” (GOMES, 2009, p. 90). Nesse momento da peça, fica evidente a primeira ação de Branca ao salvar o padre da morte: a personagem “cola os lábios na sua boca, aspirando e expirando, para levar o ar aos seus pulmões” (GOMES, 2009, p. 33). O contato do padre com o demônio é efetivado por meio dessa ação. Ao tocar-lhe o lábio, nossa heroína supostamente pratica a lascívia, isto é, demonstra todo o poder de sensualidade, de luxúria – *lécherie* – capaz de conduzir o homem ao adultério; nesse caso, o padre tornar-se-ia infiel à Igreja e a seus princípios. Sobre isso, Georges Duby, no ensaio “Os pecados das mulheres”, faz uma consideração:

São as mulheres que vão ao ataque, dissimuladas, brandindo as armas dos fracos. Contudo, os padres, eles próprios, penando para conter seus apetites, situavam na raiz do mal, na fonte de todos os desregramentos das damas, a impetuosa sensualidade por que as supunham naturalmente inflamadas. (DUBY, 2001, p. 15).

É por meio da ação de Branca Dias que o religioso revela a convicção que a Igreja possuía de que a mulher era úmida, próxima à podridão, pervertida, inflamada de desejos, pois incitava o pecado da carne, conduzindo o homem a inquietudes em relação ao feminino e às dúvidas no que tange a si mesmo. Ao confessar com o Padre Bernardo – “... seu confessor... seu guia, seu mestre, seu conselheiro, seu amigo, seu irmão” (GOMES, 2009, p. 70) – Branca, aos poucos, vai se desnudando diante daquele homem que, para a protagonista, parecia uma espécie de diretor espiritual. A imagem da última cena da peça é esclarecedora: enquanto Branca Dias é queimada, Padre Bernardo também sente seu corpo se consumindo com as chamas: “Padre Bernardo, no plano inferior, a vê, angustiado, contorcer-se entre as chamas. Contorce-se também, como se sentisse na própria carne” (GOMES, 2009, p. 141). A punição, portanto, era destinada a Branca, e ao padre o incêndio erótico,



visto que nele era queimado todo o desejo sexual, toda luxúria, enfim, toda manifestação de erotismo.

A presença do erotismo, tanto em *Amadis de Gaula* quanto em *O Santo Inquérito*, aparece a partir das imagens de sedução. As páginas retratadas na novela de cavalaria revelam as transgressões a alguns interditos sociais, como a liberdade sexual, a submissão masculina e o adultério. Tais aspectos, de acordo com os preceitos da Igreja, refletem, na peça de Dias Gomes, a concepção da figura demoníaca de Branca Dias, pois ela é concebida como um perigo iminente, tendo em vista que, ao ter consciência da realidade vivida por Amadis de Gaula, a protagonista pode conferir um novo sentido ao seu existir, questionando – como fez – os preceitos cristãos e, por conseguinte, as leis impostas pela Igreja Católica. Eis o grande delito da filha de Simão Dias e o que a torna uma figura monstruosa aos olhos da Igreja.

Enfim, Branca Dias, ao ler a novela de cavalaria *Amadis de Gaula*, revela um caráter letrado em um momento histórico cuja figura feminina aparece como um ser passivo e subjugado pelo homem, representado pelos inquisidores. O saber adquirido confere à protagonista de *O Santo Inquérito* um domínio sobre o seu agir e uma consciência de sua função social, assim como acontece com Amadis: a filha de Simão Dias reflete a identidade do cavaleiro, tendo em vista que a heroína extrai dele uma nova forma de pensamento. O reflexo da leitura desse romance de cavalaria é a ausência de subserviência estabelecida pelo comportamento da nossa heroína e, por conseguinte, uma forma de transformação de uma realidade social.

Metamorfoses, de Ovídio, é um poema épico escrito em hexâmetros, composta por quinze livros, que narram 246 fábulas sobre a mudança da forma dos homens em animais, plantas e minerais, desde a origem mitológica do mundo até o assassinato de César e o prenúncio da idade de Augusto, tempo em que vivia o poeta. Nesse sentido, essa poesia possui o caráter etiológico. De acordo com Elaine Cristina Prado dos Santos (2010), em “Estrutura narrativa, o estado da questão: nas *Metamorfoses* de Ovídio”, há, ao longo da obra, “um entrelaçamento de diversos mitos gregos e romanos sobre transformações de diversos seres em uma linha temporal [...]” (SANTOS, 2010, p. 188). Essa mistura se apresenta como uma vasta epopeia cíclica, cuja especial peculiaridade é a similitude de gêneros variados de aparência confusa em uma única obra, mas que, na verdade, tem uma unidade proposital: revelar como a teia de transformações é registrada.



Os episódios tratados na obra de Ovídio abordam desde adultério até as relações incestuosas, temas considerados pela igreja como tabu. O elemento fundamental no poema de Ovídio associa-se à mitologia e ao paganismo: duas vertentes condenadas pela Igreja Católica como profanas e, por isso, havia grande motivo para se proibir a leitura de textos cujas temáticas sejam essas. Quando os inquisidores – protagonistas da peça de Dias Gomes – confiscam *Metamorfoses*, usam uma sequência de palavras denotativas de exortação, de repulsa e de repreensão: “Ovídio. Mitologia. Paganismo” (GOMES, 2009, p. 81). Nesse momento, Branca Dias cala-se, visto que não possui argumentos em sua defesa. Para a personagem, certamente, são apenas poesias cheias de beleza e que fazem parte do imaginário humano.

Metamorfoses, certamente, contribuiu significativamente para alimentar a fantasia de seus leitores, principalmente, de Branca Dias. Como há o predomínio dos deuses mitológicos, é notável uma contradição entre os ideais pregados pela Igreja Católica e o conceito pagão. O título *põe* em evidência a necessidade de transformação em torno do cosmo cuja manifestação divina foge ao conceito monoteísta. A influência desse novo modo de pensar infundiria no indivíduo novas formas de se conceber o mundo e as relações tanto humanas quanto divinas. Enriquecida pelas imagens presentes na obra de Ovídio, Branca Dias sentia-se inspirada ao usar da natureza como estratégia para engrandecer a Deus. A leitura mais uma vez é relevante, visto que é por meio dela que a protagonista elabora a sua forma imagética de conceber o mundo.

O fato de ser um texto cuja linguagem predominante é a conotativa contribui significativamente para a construção de sentidos diversos, tendo em vista os valores axiológicos oferecidos pelo leitor a partir da interpretação que Branca Dias faz do texto. Por isso, o poema de Ovídio aponta a metamorfose como estratégia de reinvenção do passado, ou seja, a imitação não é cópia (como previa a teoria de *mimesis* de Platão e Aristóteles), mas uma reelaboração daquilo que foi transcorrido, tendo como cúmplice a natureza, pois é a partir dela que tudo se principia. Segundo Regina Zilberman (2001, p. 28), no artigo “Leitura e produção de conhecimento”, “Leitura é, pois, igualmente metamorfose de texto em texto”, uma vez que há um entrecruzamento entre as ideias propostas em momentos históricos diferentes. É essa influência que atinge a protagonista Branca Dias, que,



no início da peça, revela que sente Deus em todas as coisas prazerosas (GOMES, 2009, p. 32).

Merecem destaque as analogias realizadas por Branca Dias, visto que a personagem, além de comparar Deus a alguns elementos da natureza como o vento, a água, a gênese de tudo, ela revela que isso lhe dá prazer, contrariando todos os princípios de cristandade propostos pela Igreja. Ora, aos olhos dos inquisidores, apenas uma herege seria capaz de realizar uma leitura tão pervertida como essa e estabelecer uma ligação entre o prazer (carnal, pecado, e por isso, profano) e Deus (sagrado). Ademais, o erotismo ainda é constante nas leituras realizadas pela personagem, pois vincula a prática do prazer aos elementos naturais.

Além da cosmogonia, o amor também é tratado na obra de Ovídio: seja na impossibilidade das relações amorosas, como em “A morte de Píramo e Tisbe” (Livro IV, 55-166), seja nos amores roubados, como em “O roubo de Oritia por Bóreas” (Livro VI, 677-712), esse tema contribui para que Branca Dias se dedique ao seu amado Augusto até o fim da vida da protagonista, revelando sua total fidelidade ao noivo. É possível perceber que os amores ovidianos estão repletos de sensualidade, presente tanto na linguagem quanto no estímulo ao imaginário do leitor. Curioso observar também que o amor divino é semelhante ao amor humano e, por isso, há a presença marcante de um amor que profana a ordem divina.

Metamorfoses se configuraria, assim, como um texto repleto de um léxico envolvem os elementos naturais, como ar, terra, vento, água, flores, dentre outros vocábulos exóticos. Isso revela uma preocupação de Ovídio em relação à mística natural. Mais curiosa ainda é a analogia que Rose Marie Muraro, em *Textos da fogueira*, revela entre a mulher e a natureza:

Ela (a mulher) é ligada à natureza, à carne, ao sexo e ao prazer, domínios que têm de ser rigorosamente normatizados: a serpente, que nas eras matricêntricas era o símbolo da fertilidade e tida na mais alta estima como símbolo máximo da sabedoria, transforma-se no demônio, no tentador, na fonte de todo pecado. (MURARO, 2000, p. 68).



Em *Gênesis*, a mulher também é vista como a tentadora, é ela quem desestabiliza a relação do homem com a sua essência – Deus – e com o próprio homem, pois prefigura o conflito. A figura feminina, também em Ovídio, representa a grande tragédia do homem, pois ele é seduzido por ela por meio do corpo, que é, para os inquisidores, o lugar de Satanás. A leitura do poema ovidiano proporciona em Branca Dias um estímulo à entrega aos prazeres sexuais, aos desejos carnis, à natureza. Nas noites quentes de lua nova, a protagonista revela ao Padre Bernardo que, para aliviar o calor que sente, ela toma banho nua sob a luz do luar, a fim de acalmar o corpo que queima o que revela o espírito de liberdade, comum nos heréticos, já que é dada uma importância para os prazeres do corpo.

É perceptível, na peça, a relação dicotômica entre mente e corpo. Segundo o cristianismo, o corpo é espaço de impureza, de pecado, considerando a existência de estímulos que podem incitar os desejos mais ocultos. Diante de tal problemática, as vontades corporais devem ser recusadas e, ao indivíduo cabe supliciar e negar qualquer manifestação de prazer a fim de que prevaleça a pureza, a presença de Deus. Conforme Elizabeth Grosz (2001, p. 48) em seu artigo “Corpos reconfigurados”, o corpo torna-se aquilo que “a mente deve expulsar para manter sua integridade”. Sendo assim, o corpo é concebido como interferência. Ao entregar-se aos prazeres do corpo, indo banhar-se nua, Branca Dias deixa-se conduzir pelos desejos carnis, reveladores da figura satânica. Isso revela a função do corpo enquanto ruído.

Portanto, a presença da mitologia aparece de forma evidente em *Metamorfoses*. Esse fato contribuiu para que os inquisidores de Branca Dias considerassem-na uma herege, pois a leitura dessas poesias equivale a um manual do conhecimento mitológico, além de contribuir para a negação dos ideais de cristandade pregados pela Igreja. Branca Dias adota uma análise cristã que concebe um Deus como um ser cujas características estão próximas às dos homens e também estabelece uma proximidade em relação ao amor divino e ao amor humano.

Eufrósina – ou *Comédia Eufrosina* – é uma obra produzida pelo escritor português Jorge Ferreira de Vasconcelos, em 1555, lida por Branca Dias, interdita pelo Santo Ofício de 1581 a 1612 e confiscada pelos inquisidores da peça de Dias Gomes. O teor do livro? Comédia cujo tema gira em torno da personagem que dá nome à peça: Eufrosina é uma mulher rica, bonita e recatada, descrita como uma deusa do Olimpo e que, encantada pelos galanteios de Zelótipo, apaixona-se pelo rapaz. O



texto aborda questões do cotidiano português, como a estratificação social, os descobrimentos marítimos, a consulta à alcoviteira e ao astrólogo e, principalmente, acerca da condição da mulher.

Sobre este aspecto, há questionamentos em relação ao papel da mulher na sociedade portuguesa do século 16: ou ela se casaria ou iria para o convento. Na peça há, também, uma veemente crítica ao casamento, visto que a figura feminina não deve apenas ser submissa ao marido, mas também à sogra, ao cunhado e aos outros parentes. No ensaio “O casamento na sociedade da alta Idade Média”, Duby (1989, p. 11) aborda sobre a função do matrimônio: “Regulação, oficialização, controle, codificação...”. Este historiador emprega quatro termos que visam fiscalizar a relação matrimonial, visto que cabe ao homem nortear todo o comportamento da mulher, pois é ele quem é capaz de tirá-la da zona de marginalidade, já que é por meio do sacramento do matrimônio que se pode dominar o tenebroso, o terrificante da sexualidade e, por conseguinte, refrear o Outro. No entanto, o amor de Eufrosina e Zelótipo foge à convenção social da época, por dois motivos: primeiro porque possuem condições financeiras diferentes, mas mesmo assim casam-se; segundo porque o protagonista deixa em evidência que o sentimento por Eufrosina não pressupõe dominação, mas um amor vassalo, perceptível na carta.

Eufrosina é uma mulher que contraria os moldes da época, pois é bastante crítica em relação ao comportamento feminino. Além disso, é sabedora de seus direitos e luta para impor-se socialmente. Questiona as convenções sociais e, por conseguinte, os valores patriarcais, e não se submete a eles. Ademais, essa protagonista revela o desejo de ser livre como um homem, para poder viajar e viver as aventuras que lhe eram destinadas, e vocifera: “Cativa sorte foi a das mulheres!” (VASCONCELOS, 1998, p. 113). O discurso feminista aparece nesse trecho (e em outros ao longo da peça) de forma evidente, por meio do desejo de emancipação, de recusa da misoginia tanto propagada pelos ideais patriarcais.

Elemento de fundamental importância o riso é uma constância na obra *Comédia Eufrosina*. Além de todos os elementos que contribuem para que essa peça seja incluída no *Index Auctorum et Librorum*, a zombaria é uma estratégia proibida pela Igreja, tendo em vista que não há ocorrência desse ato nas narrativas bíblicas. Outro aspecto é a proximidade que o riso fornece entre o homem e os deuses e a ausência de pensamento sério proporcionado pelo cômico. Sobre isso, Verena



Alberti (2002) analisa, em *O riso e o risível: na história do pensamento*: “Nos mosteiros e entre os sacerdotes, o risível era proibido, porque as narrativas ou palavras que provocavam o riso faziam parte de um discurso superficial e inútil (o *verbum otiosum*), de que o homem devia prestar contas no Juízo Final” (ALBERTI, 2002, p. 70, grifo da autora).

Como o riso é provocado em algumas situações pelo chiste, que cumpre a função simbólica de dar novos sentidos à palavra, Sigmund Freud (1977), no ensaio “Os motivos dos chistes: os chistes como processo social”, analisa essa característica humana como sendo um “fenômeno de descarga da excitação mental e uma prova de que o emprego psíquico dessa excitação tropeça repentinamente contra um obstáculo” (FREUD, 1977, p. 170). Como o objetivo do chiste é conseguir prazer por meio da oposição das ideias; para o grupo, ele provoca o riso. Assim, quanto mais óbvio a anedota, mais libera energia do rir, possibilitando que o indivíduo realize conexões simples e despertando a sua criticidade. Por isso, o riso é um elemento subversivo, capaz de desconstruir uma ideologia.

O reflexo da leitura da obra *Comédia Eufrosina* no comportamento de Branca Dias fica evidente, principalmente, no primeiro ato da peça. Ao confessar a Padre Bernardo que sabe ler e escrever, a protagonista revela ainda algumas de suas características: “Branca: Sim. As coisas que mais me divertem? Ler estórias e acompanhar procissão de formigas. (*O Padre ri.*) Sério. Tanto nos livros como nas formigas a gente descobre o mundo. (*Ri.*)” (GOMES, 2009, p. 39). Além dessa alegria, característica da filha de Simão Dias, ela consegue ainda fazer chistes com o pseudo-afogamento do sacerdote: “Branca: Foi pena, queria que você o conhecesse. É um bom padre. (*Ri.*) Se você o visse engolindo água e gritando: ‘Aqui del Rei!’ Que Deus me perdoe, mas depois me deu uma vontade de rir.” (GOMES, 2009, p. 41).

É intrigante observar que, em *O Santo Inquirido*, Dias Gomes evidencia a alegria, a liberdade, o desejo de conhecimento que Branca Dias possui em oposição à escuridão que Padre Bernardo lhe apresenta quando ela visita o colégio jesuíta. O sacerdote indaga-lhe se não se sentia bem na Companhia de Jesus. A protagonista responde: “Branca: Falta sol. Claridade. Deus é luz. Não é?” (GOMES, 2009, p. 45). A Igreja, durante muitos anos, acreditou que só seria possível estar próximo de Deus na solidão, na clausura, no silêncio; por isso, as pessoas que manifestassem uma alegria exagerada eram consideradas como fruto do demônio.



Outra leitura que scandalizou os inquisidores foi a Bíblia em linguagem vernácula. As narrativas bíblicas são consideradas, por estudiosos como Antônio Paulo Benatte (2007), em seu artigo “História da leitura e história da recepção da Bíblia”, como um texto cuja leitura é extremamente moderna, visto que o processo de atualização é operado por analogia, ou seja, muitas histórias repetem-se, muitos “cordeiros” são imolados, muitos povos sofrem com a perseguição. Por meio desses fatos, a memória coletiva é construída e, por vezes, várias ações são repetidas.

Diante do caráter de plurissignificação das passagens e histórias bíblicas, é possível notar que cada grupo social interpreta os fatos bíblicos de maneira distinta. Isso acontece porque cada camada social e/ou religiosa recebe as informações e as utiliza levando em consideração a sua cultura. No entanto, a leitura, assim como a escrita, sempre esteve ligada a grupos sociais mais favorecidos tanto nas questões financeiras quanto nas culturais, sendo concebida como instrumento de poder. Um exemplo desse fato é a cosmogonia criada por Ovídio em *Metamorfoses*, obra de caráter mitológico que reinventa a criação do universo contrapondo-a à construção bíblica da origem do cosmo. Certamente, ao fazer Branca Dias ler esses textos, Dias Gomes apresenta ao leitor a oportunidade de ser crítico. Enquanto a personagem questiona-se acerca de qual narrativa era real, como poderiam ser tão próximas e como distinguir entre o que era pagão e a tradição, o leitor, fora do texto, pode fazer o mesmo.

Por ter sido escrita e inspirada em uma sociedade predominantemente falocêntrica, já que Deus é também masculino, a Bíblia por muitos anos só poderia ser lida por homens. Ao oferecer as tábuas da lei a Moisés, Deus conferiu o poder do conhecimento ao homem; em contrapartida, à mulher caberia apenas a tarefa de cuidar da casa, do marido e dos filhos. Basicamente, o universo feminino restringia-se às funções biológicas, como a procriação, e sociais, cuja finalidade era manter a harmonia na casa. Por isso, a orientação espiritual era oferecida pelo homem. Por muitos anos, apenas os sacerdotes possuíam a autorização para ler e interpretar a Palavra de Deus, enquanto ao povo cabia somente ouvir as narrativas e aceitar passivamente as interpretações. Diante de uma sociedade patriarcal, apenas tardiamente a mulher pôde manter contato com os textos bíblicos, tendo em vista a proximidade feminina com o tenebroso, com o mal, com Satã.



Roger Shattuck (1998, p. 19) emprega os termos “Tabu, oculto, sagrado, indizível”, no livro *Conhecimento proibido: de Prometeu à pornografia*, para definir o conhecimento proibido. Como a mente humana é criadora de produtos simbólicos, cabia tanto ao Tribunal do Santo Ofício quanto à Ditadura Militar cercar o pensamento dos indivíduos que tivessem um comportamento herege ou subversivo, estabelecendo uma espécie de terrorismo cultural, cuja finalidade era julgar, avaliar e declarar os livros como interditados. A proibição da leitura da Bíblia não seria diferente, tendo em vista não só o caráter alegórico presente nessas narrativas, mas também o teor questionador e, por que não dizer, político comum nos textos bíblicos.

As leituras bíblicas realizadas por Branca Dias contribuíram para que ela não só conhecesse, mas também construísse a sua exegese dos textos lidos. Isso proporcionou à protagonista um poder de argumentação contra os inquisidores. A defesa dessa personagem contribuiu para que fosse percebida a intensidade de seu conhecimento. Todas as leituras realizadas por Branca revelavam o duelo entre elementos discordantes de duas forças antagônicas: por um lado, a propagação da ideia de que não cabia à mulher, ou a qualquer leigo, o acesso a determinados tipos de livros que não fossem os devocionais; por outro, a importância que os judeus e, por conseguinte, os cristãos-novos, estabeleciam em relação ao conhecimento e à leitura. Travado esse diálogo, Padre Bernardo se convence: “Padre: Sua arrogância mostra que o Demônio ainda não a abandonou. (*Inicia a saída*)” (GOMES, 2009, p. 130).

A característica que movia Branca Dias era a curiosidade. Ao longo da peça, a protagonista não demonstra passividade, mesmo diante da possibilidade da morte, pois não se contenta com respostas sem coerência. A sua curiosidade é motivada pela leitura: quanto mais lê, mais suas dúvidas são intensificadas e mais questionadora torna-se. É interessante notar que ela conhece as normas da Igreja assim como é inspirada pelos textos bíblicos ao travar diálogo com os inquisidores. Sobre isso, Shattuck (1998, p. 166) conclui que “a curiosidade traz consigo um princípio de dúvida – dúvidas sobre o conhecimento recebido e as convenções do status quo”. É por esse motivo que um indivíduo letrado não se submete às leis, mas as questiona e enfrenta, apontando novas visões acerca de um determinado assunto.



A proibição da leitura de alguns livros provava que tanto a Igreja do século 16 quanto o Estado durante o período de ditadura desejavam estabelecer uma cultura da passividade, da alienação, da ausência de questionamento. Por isso, as obras eram consideradas como bombas que, se bem utilizadas, contribuiriam para incendiar a mente do povo. Nesse sentido, Igreja e Estado cerceavam as formas de pensamentos que pudessem divergir de sua ideologia e consideravam herege e subversivo qualquer indivíduo que utilizasse armas heréticas, ou seja, o livro e o pensamento como forma de emancipação social, política e cultural. O período pós-golpe de 1964 também foi bastante tenebroso, haja vista que não só os livros eram proibidos, mas também a imprensa e as diversas manifestações literárias, como o cinema, a televisão, o teatro. Sobre isso, Ary Dillon Soares (1989, p. 32, grifo do autor) aponta para o fato de que “A censura foi um pouco mais dura com as peças de teatro e com os livros *suspeitos*: 34% dos que foram examinados em 1976 foram censurados”.

Branca Dias representa tanto os indivíduos possuidores de livros e que são detentores de um saber interdito quanto aqueles cujas ideias ferem os conceitos de imposição. Como leitora assídua e por meio do senso de criticidade, essa heroína foi subjugada, assim como outras mulheres, cristãos-novos, judeus, índios, em favor da primazia de um sistema absolutista, considerado por seus seguidores o único instrumento capaz de direcionar o pensamento humano. Por meio do livro, instrumento de desalienação, essa cristã-nova soube posicionar-se e lutar a favor de seu ideal, mesmo que isso a conduzisse à fogueira. O simples fato de ser possuidor de uma obra implica uma posição social diferenciada e certa riqueza intelectual.

Para quem lê, o livro é a bússola do conhecimento, pois ele orienta o leitor, ordenando-o, a fim de que o indivíduo possa atingir um alcance ilimitado do saber. É importante enfatizar a importância que o judeu confere ao conhecimento. Esse grupo social mantém com certa rigidez a tradição, pois é ela que possibilita a identificação de seu semelhante. Por isso, a leitura é incorporada desde muito em seu desenvolvimento intelectual e religioso: as crianças judias são formadas em escolas hebraicas, aprendem a língua para usarem-na e conhecem os preceitos mosaicos para transmiti-lo entre a sua geração.

Branca Dias não se calou diante de gestos de intolerância como o praticado pelo Tribunal do Santo Ofício, mas tornou-se um ícone em defesa de todos os homens



que receberam o rótulo de hereges, por simplesmente, lutar contra toda e qualquer manifestação de repressão dos aparelhos ideológicos que desejavam conduzir e cercar o comportamento humano. Por meio da leitura, nossa heroína foi capaz de entender os fatos que a cercavam, questioná-los e lutar contra eles.

É importante pensar a partir da peça de Dias Gomes na leitura como uma mola mestra do desenvolvimento do indivíduo, não só intelectual, mas também político. Um leitor pode ser o agente de sua formação, ser capaz de fazer intervenções sobre sua realidade, modificando-a. Os textos lidos por Branca Dias despertaram na protagonista uma forma de luxúria da alma: a curiosidade. Foi por meio desse recurso, proporcionado pelo ato de ler, que essa criptojudia revela o seu lado mais perverso e tenebroso: sua capacidade de confundir os inquisidores. A heresia praticada por Branca Dias é criar uma rede de conhecimentos que a possibilitasse questionar, demonstrando que a leitura capacita o indivíduo, mesmo em tempos diferentes, a dominar e transmitir a cultura como fonte de poder.

Sendo assim, Branca Dias é herege porque lê e lê livros proibidos conferindo aos textos novos sentidos, criados por meio de mecanismos de significação inerentes ao leitor crítico. Ao ler os textos, a filha de Simão Dias transforma seu sentido, revelando-se um perigo para a sociedade patriarcal. Ela é a presença do Demônio que desestabiliza a relação harmônica, primeiro entre a Igreja e os colonos e, mais tarde, entre os militares e o povo.

Considerações finais

As leituras realizadas por Branca Dias – *Amadis de Gaula*, *Metamorfoses*, *Comédia Eufrosina* e a Bíblia – contribuem para que ela se torne o agente crítico de sua realidade, já que o tema tratado nessas obras conduz a filha de Simão Dias a uma reflexão e a uma interpretação do mundo que a cerca. Além disso, essas leituras foram instrumentos de produção de ideias, estimuladas por meio das narrativas lidas. Branca Dias não pode ser analisada apenas sob a visão pura e doce, mas ela é polêmica, pois é curiosa e questionadora; possui resposta para tudo e sua interpretação é heterodoxa, ou seja, ela contraria alguns conceitos vigentes e, por isso, questiona-os.

Na novela de cavalaria *Amadis de Gaula*, Branca Dias pôde encontrar um romance repleto de dedicação, erotismo e de entrega. O cavaleiro Amadis é uma figura



reveladora de um espírito de liberdade, que na filha de Simão Dias manifesta-se por meio do “beijo” oferecido ao padre ou pelos momentos carregados de sensualidade. *Metamorfoses*, de Ovídio, contribuiu para que a protagonista de *O Santo Inquérito* mantivesse contato com uma visão diferente da católica: a mitologia e o paganismo. Esses elementos ficam em evidência na fala poética empregada pela cristã-nova, mas também no fato de há, em Deus, um pouco do humano e, por isso, nos diálogos de Branca Dias havia uma aproximação entre a figura do Pai e ela. *Comédia Eufrosina* desvenda a riqueza e a beleza do riso, da alegria, da luz ausente no colégio dos jesuítas e tão pregado por eles como um crime a Deus. Além disso, essa peça teatral é regada por discussões tão contemporâneas referentes ao gênero, ao amor e às questões políticas. A leitura bíblica: esta foi a que mais indignou os inquisidores. À mulher não cabia ler, muito menos ler os textos sagrados. Ao homem, cabia todas as leituras, pois eles eram os escolhidos, o ser que nasce diretamente do divino. No entanto, Branca Dias não é uma protagonista qualquer. Ela é, antes de tudo, uma descendente de judeus, um povo letrado, preocupado em perpetuar as tradições, em conhecer o livro sagrado, a Torah e a história de seu povo. A mulher judia é aquela que transmite à geração suas tradições.

As leituras realizadas por Branca Dias sintetizaram os motivos que a conduziram à condenação. Em *Amadis de Gaula*, há a presença do erotismo e da luxúria; em *Metamorfoses*, a ideia de que Deus não possui uma única forma e a crença no panteísmo; em *Comédia de Eufrosina*, a clareza, a alegria e o riso e, por fim, a Bíblia em vernáculo, o conhecimento interdito. Todos esses atributos simbolizam pecados de dimensões distintas e tornam a filha de Simão Dias uma herege.

Branca Dias era uma herege. Branca Dias era uma leitora. Essas duas características fazem dela uma figura incomum para a época, já que lia os textos proibidos em dois momentos históricos, quando o que acirrava a perseguição era justamente o nível de entendimento dos perseguidos. Como conhecedores, os indivíduos poderiam ser um perigo iminente para os sistemas totalitaristas. Sendo assim, para Branca Dias, as leituras são a sua forma de emancipação. A redenção do indivíduo está na necessidade que ele possui de ler. É por meio dos livros que é possível sonhar com a transformação da realidade e se tornar capaz pensar criticamente. Só assim a sociedade poderá compreender as ações de intolerância e agir contra elas a fim de que não se repitam.



* **Ediluce Batista Silveira** é Mestre em Teoria Literária pela Universidade Federal de Uberlândia.

Referências

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BENATTE, Antônio Paulo. História da leitura e história da recepção da Bíblia. *Revista Oracula*, São Bernardo do Campo, p. 61-72, 2007.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros proibidos, ideias malditas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

BONFIL, Robert. A leitura nas comunidades judaicas da Europa Ocidental na Idade Média. In: CHARTIER, R.; CAVALLO, G. *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 2002. p. 185-223.

DUBY, Georges. Os pecados das mulheres. In: _____. *Eva e os padres*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

FRIEIRO, Eduardo. *O diabo na livraria do cônego*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

GOMES, Dias. *O Santo Inquérito*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

GROSZ, Elizabeth. Corpos reconfigurados. Trad. Cecilia Holtermann. Revisão: Adriana Piscitelli. *Cadernos Pagu*. Campinas, v. 14, p. 45-86, 2001.

KOCHMANN, Sandra. O lugar da mulher no judaísmo. *Revista de Estudos da Religião*. São Paulo, PUC, n. 2, p. 33-35, 2005.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. *O martelo das feiticeiras: malleus maleficarum*. Trad. Paulo Fróes. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997.

LIMA, Leonila Maria Murinelly. *Amadis de Gaula: entre as fendas dos códigos da cavalaria e do amor cortês*. Niterói: Editora da UFF, 2011.



MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MONTALVO, Garcí Rodríguez. *Amadis de Gaula*. Trad. Graça Videira Lopes. Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/docentes/gvideiralopes/index_ficheiros/amadisT.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2012.

MURARO, Rose Marie. *Textos da fogueira*. Brasília: Letra Viva, 2000.

OVÍDIO. *Metamorfoses*. Trad. Bocage. São Paulo: Hedra, 2006.

SHATTUCK, Roger. *Conhecimento proibido: de Prometeu à pornografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VASCONCELOS, Jorge Ferreira. *Comédia Eufrosina*. Adaptação de Silvina Pereira e Rosário Laureano Santos. Lisboa: Colibri, 1998.

VILLALTA, Luiz Carlos. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. In: ZILBERMAN, Regina. *Leitura e produção do conhecimento*. *Revista Itinerários*, n. 17, Araraquara, 2001.